

Na estação Jabaquara pego o metrô em direção à Liberdade, onde vou me encontrar com minha amiga. Consigo um assento no corredor e coloco meus fones no ouvido.

Minutos depois um *plin* avisa que já estou na Conceição e, como se do nada, o som de minha música e as luzes parecem ficar mais suaves e o tempo aparenta estar em câmera lenta. Não sei o motivo, mas é nesse contexto que eu a vejo. Meu cérebro fez toda essa preparação para, simplesmente, uma garota que entrou no metrô.

Mas não, não é *simplesmente* uma garota. É *essa* garota.

Seus cabelos ondulados vermelhos na altura dos ombros se movimentam quando ela se mexe e seu vestido azul clarinho orna com seus olhos castanhos grandes e charmosos, com seu maxilar delicado, bochechas rosadas e clavícula marcada.

Ela exala as mais belas poesias; é a garota mais linda que eu já vi, com certeza.

"Ela é uma obra de arte que, se não existisse, eu mesmo teria esculpido", é o que ouço no meu fone no *timing* perfeito.

Seu olhar pousa em mim e seus olhos encontram os meus e se prendem como se fossem ímãs. Minha respiração fica fraca e...

E nossa conexão é interrompida por um homem mais alto que para bem entre nós.

Fecho os olhos, frustrada com o quão pouco durou meu paraíso, e respiro fundo.

Tomo uma decisão e me levanto. Não tenho ideia do que vou dizer, mas estou indo falar com ela. Paro ao seu lado e me seguro na barra. É, realmente eu não sei o que dizer.

Enquanto penso em muitas formas catastróficas de iniciar uma conversa, sinto um toque suave em meu ombro e... e é ela?!

Tomara que não, mas, claro, talvez tenha sido um toque acidental.

— Então, — ela fala comigo (não foi acidental!) — você vai descer na próxima?

Sua voz é leve e clara, mas com um fundo de provocação que combina com ela.

— Eu... na verdade, não — respondo tímida.

— E você se levantou por...? — Percebo seus olhos intensos sobre mim

— Hum... esticar as pernas... acho? — minto mal. Ela ri baixo dessa péssima desculpa.

Outro *plin* e estamos na Santa Cruz. Mais pessoas entram e ficamos muito próximas.

— Em qual estação você desce? — Com o coração acelerado, cubro nosso silêncio.

— Vou descer na Luz.

— Está indo para algum lugar?

— Voltando para casa, na verdade, saí mais cedo da faculdade hoje. — Eu fito seus olhos — Faço psicologia. — Achei sua cara, mesmo — Você cursa algo? — Está interessada??

— Psicologia é uma área incrível, que legal. Ainda não curso nada, mas eu quero, sim.

— O que você estudaria? — Ela está interessada!!

— Eu estou entre química e artes visuais, são muito diferentes, mas eu gosto das duas.

— Nossa, são mesmo! — Ela sorri e seus olhos se demoram nos meus.

Nesse momento sinto meu celular vibrar e vejo uma notificação do *WhatsApp*.

— Um segundo, perdão. — Contrariada, cortei o clima por minha amiga ter mandado:

➤ "Brunaa melhor cancelar, tem 30 minutos q eu to esperando minha linha ta parada vei"  
E agora? Eu já estava na metade do caminho.

— Tive uma ideia que é meio estranha, mas quem sabe você gosta — digo receosa.

— Pode falar — ela diz com um sorriso grande e animado no rosto.

E meu Deus que sorriso. Ele a faz brilhar por completo, deixando-a ainda mais linda.

— Tá, seguinte: eu ia para a Liberdade com minha amiga, mas ela acabou de cancelar comigo e eu já estou no meio do caminho. E se — hesito, desconcertada — você fosse comigo?

— Seria muita loucura eu dizer que quero? — ela diz, muito animada, dessa vez.

— Não, seria perfeito — eu respondo, sorrindo meio tímida. Ela me deixa bobinha.

Conversamos sobre amenidades até a São Joaquim sem perceber o tempo passar.

— Falta só uma — ela diz. — Você não vai me sequestrar, vai?

— Se eu fosse te sequestrar eu não te falaria, né? Brincadeira.

Rimos. Ela, principalmente, que inclina o corpo em minha direção no meio da risada. Sou tão engraçada assim? Ou ela só está tão interessada em mim quanto eu estou nela? Na verdade, não achei minha “piada” tudo isso, não! Achei, inclusive bem batidinha. De qualquer forma, a segunda opção me agrada e muito.

Chegamos à Liberdade e ela me puxa para fora. Passando pelas catracas, comenta:

— Sabe, aqui é um dos meus lugares de conforto.

— Mentira! É um dos meus também! O meu café favorito é o Itigo Itie. Conhece?

— Já ouvi falar, mas ainda não cheguei a ir. Seria legal aproveitar para conhecer hoje!

Indo para lá caminhamos de mãos dadas. O tempo todo. Será que ela *realmente* me quer também? Meu coração acelera pela dúvida. Eu nem tenho certeza se ela gosta de meninas e que, se sim, que ela gostaria de mim ou, ainda, que ela não seria comprometida!

Em todo o percurso até a cafeteria minha mente briga consigo mesma, se contradizendo e me matando de ansiedade. Sinto seu polegar acariciar o topo de minha mão. Meus pensamentos confusos cessam. Olho para ela e percebo que chegamos.

Ela pede um “Choux Cream”, eu peço um bolinho gelado de chocolate e combinamos de dividir o de cada uma para podermos aproveitar mais.

Pegamos para viagem, então sugiro irmos ao Largo da Pólvora para comer. No caminho, passamos pela ponte principal da Liberdade, onde vendem fotos *polaroid*.

É estranho estar saindo pela primeira vez com alguém que você mal conhece e já querer uma foto *polaroid* com a pessoa?

— Vamos tirar uma para cada? Vamos, vamos, vamos?! — ela sugere animada como se lendo meus pensamentos — Pra você sempre lembrar da desconhecida com quem você saiu em um encontro em uma quinta-feira qualquer.

Espera, ela disse "encontro"? Claro, mas é CLARO que é um encontro. Era exatamente o que eu queria que fosse, mas tive medo de ELA não querer isso e não considerar um.

Sinto meu rosto esquentar e um sorriso se formando em meus lábios.

— Boa tarde, duas fotos *polaroid*, por favor! — ela pede, educadamente, ao fotógrafo.

Colocamos nossas coisas no banco na calçada e vamos quase para o meio da rua.

— Bom, erm... — dou uma gaguejadinha. — Que pose a gente faz?

— Essa. — Ela puxa meu rosto em direção ao seu e cola nossos lábios.

Fico totalmente sem reação, mas, no automático, seguro sua cintura.

— Essa tá pronta! — diz o fotógrafo alto o suficiente para que escutássemos.

Não quero soltá-la. Não quero que esse momento acabe...

Quando ela se afasta eu fico parada no mesmo lugar com o coração acelerado. Finalmente vou até ela e vejo a foto já pronta e revelada. Parecemos ser namoradas de anos e apaixonadas, não apenas desconhecidas que, sem pensar em nada, resolveram sair em um encontro. Parecemos perfeitas, feitas uma para a outra.

Acho que ela também amou, pois logo a coloca na capinha transparente de seu celular.

— Ei, — digo com a voz baixa e brincalhona — eu queria essa foto pra mim!

— Ah, não! Essa é minha. Podemos recriar uma para você, se quiser? — Seu sorriso atrevido era encantador, acho que eu nunca poderia negar algo a ela se me olhasse assim.

— Quero recriar até mais vezes além dessa. — De tão nervosa, nem pensei para falar.

Um sorriso lindo estampa seu rosto e ela simplesmente diz ao fotógrafo:

— Pode tirar a próxima, moço!

Dessa vez sou eu quem a beijo. Puxo seu rosto com as duas mãos, enrolando meus dedos em seu cabelo e apertando levemente, dando uma puxadinha. Sinto seus lábios se curvando em outro sorriso em meio ao beijo e suas mãos acariciando minha cintura.

Eu estou louca por essa mulher! Eu não quero passar nem mais um minuto sequer com minha boca longe da dela. Mas, claro, a foto é tirada e eu me afasto para ver o resultado.

Essa ficou ainda mais bonita. Dá para ver de longe o seu sorriso colado em mim.

Pagamos e seguimos para o Largo, continuando de mãos dadas no caminho todo até lá.

Nos sentamos em um banco perto da ponte e começamos a comer. Percebo que ela melou o canto de sua bochecha com o creme do *Choux* e dou uma risadinha me aproximando para limpar e, quando termino, dou-lhe um selinho rápido e macio.

— Tá sujo aí também — ela e se aproxima de mim passando o dedo em minha boca sem nem limpar nada (não tinha o que limpar) e me beija.

Novamente. Novamente, mas de verdade dessa vez. Sim, ela *realmente* me quer!

Eu poderia me acostumar com seus lábios nos meus. Inclusive, gostaria.

Minha respiração vacila com esse beijo suave e arrebatador ao mesmo tempo. Eu-

*Plin* "Estação Japão-Liberdade, desembarque pelo lado direito". PUTA QUE PARIU.

Abro os olhos e saio de meus devaneios quando minha estação finalmente chega. Procuro ela no vagão e a encontro tão linda quanto eu a estava imaginando. Dói saber que tudo fora fruto da minha cabeça e que eu não vivi aquela tarde romântica com ela. O que é obvio.

Passo por ela para sair do vagão. Seu cheiro é inebriante e frutado. Pêssego, com certeza.

Sinto seus olhos sobre mim enquanto passo pela porta, mas quando me viro uma última vez para aquele metrô ela já está de costas para a janela. Para mim.

No meu fone ouço Clarissa cantando " 'Cê acha que eu sou real? Eu sou sua garota ideal", como se eu ainda precisasse ser convencida de que nada daquilo realmente aconteceu (isso é obvio, mas será que eu não poderia sentir um pouquinho mais do gosto da minha imaginação? Aparentemente, para minha *playlist*, não...).

Algo se parte em mim quando o metrô sai. Não entendo o motivo; eu nem ao menos sei seu nome e, se nada foi real, porque eu sinto doer em meu peito?

Subo as escadas e aviso minha amiga:

➤ “mari cheguei vc tá onde?”

Tudo o que quero agora é esquecer essa paixão passageira.

Porque é isso que isso foi. Uma paixão passageira. Entre duas passageiras do metrô de São Paulo. É isso. Preciso esquecer. Vou esquecer. Na verdade, não há nem o que lembrar.

Saio da estação com um (falso) sorriso no rosto. Tenho uma tarde toda para aproveitar e não vai ser essa que aconteceu apenas em minha cabeça que vai estragar ou atrapalhar tudo que pode vir a ser bom hoje.